

Sessão 24 - Limehouse Blues - Ato 1

*(17 de maio de 1925 — O Rei já está no palco.)*

Você leu isso antes.  
Você estava lá.  
Você sabe o que foi dito.  
Mas não lembra a ordem.  
Talvez a ordem nunca tenha sido real.

Cassilda dividiu o grupo.  
Ou foi Camilla.  
Ou foi James.  
Mas James não existe mais.  
Ele é só o eco do uniforme.  
A memória do disparo.  
O gosto do sangue quente na chuva fria.

A Carruagem estava lá.  
Estava sempre lá.  
Estava desde o início.  
Com o símbolo pintado com cuidado.  
Mas a tinta escorria.  
Não tinta.  
Outro líquido.  
Mais espesso.  
Na sua lateral a sombra impregnada de duas figuras.

A Criança viu.  
Ela sempre vê.

A impressão deles nos lugares.  
Mas nunca fala tudo.  
Ela lembra do som.  
Da explosão.

Da curva.

Dos corpos.

No navio, Thale hesitou.

Mas foi Cassilda quem subiu.

Ou foi Evelyn.

Mas Evelyn não estava escalada para este ato.

Ela invadiu a cena.

Trouxe consigo o nome do irmão.

E o nome do livro.

Ela guarda tudo em cadernos que ninguém lê.

Mas um dia... alguém vai. Nesse dia o mundo vai acabar.

Esse dia ocorreu há 3 semanas atrás.

Noatalba subiu depois.

Mas ele já estava lá.

Ele sempre está.

Porque quando você abre a cortina, ele está atrás.

Porque quando você fecha a cortina, ele está dentro.

No porão:

Caixas.

Madeira.

Selos.

Ouro.

A palavra "masque" escrita com a ponta de um osso.

Alguém a leu em voz alta.

Alguém a sangrou.

Alguém retirou algo mais cedo que devia.

Um ventre vazio.

No pub, Vera contou o que sabia.

Mas ela não tinha olhos.

Tinha buracos.

Estrelas que olhavam de volta.



Ela falou do homem de ouro.  
Rachado.  
Com os dentes à mostra.  
Parecia sorrir.  
Mas estava apenas tentando manter a face unida.

James disse que ia matá-lo.  
Mas James não tem mais força nos dedos.  
A peça quebrou seus tendões.

Cassilda tocou o papel.  
Leu o manifesto.  
O nome estava lá.  
Do bebê.  
Da criança.  
De Rosa.  
De Camilla.  
De Erica.  
Seu nome, caro leitor.

Puneet entregou o papel.  
As linhas se moviam.  
As palavras se apagavam.  
A tinta não secava.

Alguém disse "Xangai".  
Mas ninguém respondeu.  
Porque Xangai nunca existiu.  
É apenas a palavra que usamos quando queremos dizer:

"a cidade que nunca teve nome"  
"a cidade onde o lago não reflete"  
"a cidade onde as torres crescem do outro lado da lua"

No final da cena:  
Camilla sangrou.  
Septimus sussurrou.

A Criança apontou.

James...

James...

JAMES

J//ames

Jaκe

J

J

J

O nome foi esquecido.

A boca não consegue formar.

Evelyn escreveu.

Com a caneta virada ao contrário.

Mas as letras apareciam mesmo assim.

Uoht estava no carro.

Ou estava dentro da caixa.

Ninguém sabe.

Ele não fala.

Ele não tem boca.

No espelho:

Um rosto.

Sem máscara.

Sem rosto.

A máscara estava por baixo.

E então:

*A peça não termina.*

*A peça nunca termina.*

*A peça já começou.*

*A peça começou antes de vocês nascerem.*

*A peça começou quando vocês disseram SIM na primeira sessão.*



Você está lendo isso.  
Mas você já tinha lido.  
Mas você não devia ter lido.  
Mas agora é tarde.

Você tem um papel.  
Você tem falas.  
Você só precisa agora repeti-las.  
Para sempre.